

Rebenta a bolha!

Em meados dos anos oitenta, quando o Festival nasceu no centro histórico de Almada, brincava-se na rua e as mães chamavam os filhos para jantar, aos gritos, ao fim da tarde. Predominavam os nomes de apóstolos. Mas entre a hora do almoço e a do jantar, os gritos que se impunham eram os dos putos, a jogar às escondidas: “Rebenta a bolha!”. Queriam dizer que o jogo tinha acabado: alguém se magoara, ou fizera batota, ou pura e simplesmente tinha surgido entretanto alguma brincadeira mais divertida.

Donde virá esta expressão? A internet descreve-nos o que ela significa, mas não de onde vem — enfim, o desencanto do costume. Mas se nos ativermos à literalidade de “Rebenta a bolha!”, então talvez esta frase ainda nos possa ser útil: tomemo-la como um desafio para os 15 dias de teatro que aí vêm. A voragem dos dias que se sucedem tem cunhado conceitos como o de ‘bolha mediática’, ou ‘câmara de eco’. O primeiro diz respeito, creio, àqueles que só ouvem aquilo que dizem os que pensam como eles. O significado do segundo, consoante vou intuindo, é parecido, havendo que acrescentar-lhe o aumento do volume com que soam esses axiomas, à medida que o tempo passa — como o eco, de resto.

Aproveitemos então os 15 dias de Festival, esta espécie de parênteses na vida quotidiana e tributável, para rebentar a bolha — e ouvir aqueles que pensam de forma diferente da nossa. Têm histórias que ainda não conhecemos, falam línguas que não entendemos, e se calhar vão dizer-nos coisas com as quais discordamos abertamente. Mas se calhar (quem sabe?) até vão iluminar-nos um corredor em que nunca tínhamos passado: o que estará para além daquela porta? Se não nos arriscarmos a rebentar a bolha, nunca havemos de saber.

Rodrigo Francisco

Novas peças portuguesas

Amanhã à noite no TMJB — à mesma hora, na Sala Principal e na Sala Experimental —, o público terá à escolha duas novas peças de dois autores portugueses.

Suécia, um texto de Pedro Mexia, uma criação do Teatro Nacional de São João com encenação de Nuno Cardoso, é assumida pelo seu autor como uma peça de ideias, a partir daquela que fazemos do gigante da Escandinávia: um país chamado Suécia. E se Pedro Mexia nunca foi à Suécia, a Suécia desceu até ele através do país ‘metafísico angustiado’ dos filmes de Ingmar Bergman, do paraíso (perdido?) da social-democracia, mas também através do infernal Strindberg ou dos ABBA. Se cada um tem ‘uma certa ideia’ da Suécia, esta é de Mexia. Uma ideia não plasmada, mas um catalisador para que se discuta no palco, e se embulhe para levar para casa, algumas ideias sobre o futuro, o fim das ilusões, e as boas intenções. Um lugar onde as linhas de demarcação entre o político e o íntimo se tornam indistintas. Tudo começa numa reunião numa ilha, de um grupo de estranhos que por acaso são da mesma família, num dia supostamente de festa pois o pretexto é um casamento. E nessa altura são os pequenos ódios de estimação que tomam conta do palco, ficando a política um pouco esquecida, e só voltando mais tarde, quando não houver mais balas nos gatilhos de cada arma, tornando-se afinal quase um *fait divers*.

Durante três meses de ensaios e um mês de espectáculos, pode-se muito bem construir uma família, não necessariamente feliz, podendo dizer-se que foi aquela que nos calhou em sorte. O defeito mais fácil de superar em relação a Renato Beirão, o actor-vedeta de *Calvário*, talvez seja o seu mau hálito. Basta praticar um pouco de distanciamento social à moda sueca. O resto — a pesporrência, a mitomania, o azedume e a cabotínice — serão mais difíceis de suportar.



Suécia marca a estreia de Pedro Mexia como dramaturgo



Em *Calvário* visita-se o universo de Thomas Bernhard

Calvário pisca-nos com os dois olhos para que, passo a passo, enquanto *voyeurs* de um espectáculo que ainda não se estreou, possamos construir uma certa ideia de teatro que se aproxime afinal daquilo que é a própria vida. Quando esse mimetismo se atinge quase tocamos o paraíso. O pior é que é muito difícil lá chegar sem que cada um passe pelo seu próprio calvário. Concreto ou como metáfora de um caminho repleto de obstáculos. A quinta peça original de Rodrigo Francisco que também encena esta criação da CTA, sobre-

põe várias camadas — de drama, de comédia e de sátira — que, descobrimos a certa altura, assentam numa falha sísmica. Até que todos — o protagonista, os outros actores, o encenador e os assistentes — se desfazem, arrastando consigo fantasmas ilustres — Minetti, Thomas Bernhard, William Shakespeare e o Rei Lear —, mas também comportamentos permeáveis a seguir o policiamento dos costumes. No final, quando se deixam cair num vetusto sofá de couro, estão exaustos e só restam em palco alguns cristais de puro teatro.

Noé Sendas inaugura exposição díptica

Autor do cartaz deste ano, Noé Sendas continua fiel à sua missão artística: cria, como sempre faz, pequenas performances narrativas identitárias e únicas através de esculturas, desenhos, colagens fotográficas ou instalações. *Peeps*, a série que nos recebe na parede frontal da Galeria do TMJB, convida-nos a um espectáculo quase privado: “O espectador não só contempla algo que é accio-

nado pela sua contemplação, mas também contempla a ideia de si mesmo a contemplar essa determinada situação, e dessa forma desloca-se de si mesmo e do mundo real”. Este jogo estende-se à série *Corpos encenados*, um conjunto de imagens inspiradas, entre outras, pelo trabalho de Silva Nogueira, o fotógrafo português de vedetas e figuras públicas mais conhecido dos meados do século passado.

Já em *Mar vertical* — que ocupa a nave do Salão das Carochas, um equipamento cultural em pleno coração histórico de Almada Velha — a ideia foi surpreender o público com uma instalação que explora a interacção entre aquilo que o espaço foi — igreja, sala de cinema e salão de festas — e o que é hoje. Pôr cada um a perguntar: “O que é isto?”. As duas exposições, realizadas em parceria com a Casa da



© Patrícia Martins / Rui Mateus

Cerca — Centro de Arte Contemporânea, inauguram já amanhã: às 17h00 no Salão da Carochas e às 19h00 na Galeria do TMJB.

Amanhã Fontserè na Esplanada

Há quarenta anos que a vida de Ramon Fontserè e da companhia Els Joglars se confundem: “Em 1983, governava então Filipe Gonzalez, viviam-se tempos de uma liberdade eufórica. Tudo se podia dizer e fazer. Não éramos policiados. Ameaçavam-nos com bombas e protestavam à porta dos teatros. Mas ninguém nos ‘cancelava’. Hoje em dia esse humor iconoclasta — que quebra tabus, que sempre nos marcou e que consiste em iluminar a realidade — seria pura e simplesmente proibido”.

Foi para de uma forma bem-dis-

posta nos pormos a pensar nos tempos que correm, que os Joglars escreveram *Valha-nos Aristófanes!*. “Encontrámos uma carta de Flaubert a uma sua amante, em que ele dizia: ‘Não precisamos de Jesus Cristo, nem de George Washington, nem de Voltaire. Necessitamos, isso sim, de Aristófanes’. Faz-nos falta alguém que nos ridicularize, e que nos ponha a rir de nós próprios”.

E a catarse deu-se. “As pessoas vêm à porta dos teatros onde actuamos para nos agradecerem, e dizem-nos: ‘Estava na hora que al-

guém colocasse o dedo na ferida e dissesse isto’. De facto, hoje já não podemos dizer nada sem que alguém se ofenda. E, de caminho, insulta-se levemente génios como Molière ou Dario Fo, que, cada um na sua época, foram dignos herdeiros de Aristófanes. Não nos podemos esquecer de que o humor consiste sempre na confrontação com a verdade”.

Ramon Fontserè estará amanhã na Esplanada da Escola, às 18h00, para se encontrar com o público, numa conversa moderada por José Alves Mendes.

Parte uma perna

TEATROLOGIA

Esta frase, habitualmente sussurrada no meio teatral anglo-saxónico antes do início dos espectáculos, nas noites de estreia, tem origem no século XVI, no tempo de Shakespeare. A expressão tem implícita um certo grau de superstição, equivalendo a ‘Boa sorte’. Nessa época, quando a representação era boa, o público levantava-se e atirava moedas para o palco. E os actores, em agradecimento, colocavam o joelho no palco, quebrando a linha da perna. Mas há também quem diga, sobre a origem desta expressão, que todos os teatros estão invariavelmente peçados de maus-espíritos e de fantasmas, sempre prontos a contrariarem-nos. Assim sendo, em vez de se desejar ‘Boa sorte’ nas estreias, seria muito mais eficaz desejar algo ruim, como partir uma perna.

Outra forma de desejar ‘Boa sorte’ no teatro é augurar ‘Muita Merda!’. E porquê? No século XIX o público (burguês, exclusivamente) chegava aos espectáculos em caleches puxadas por cavalos. Estes veículos estacionavam à porta dos teatros e ali ficavam, com os comportamentos inevitáveis em qualquer ser vivo. A existência de muito esterco significava tão-só que a sala estava cheia, tornando a estreia um sucesso. // Rui Lagartinho

CTA distinguida com a Medalha de Ouro de Almada

No dia 24 de Junho, na Rua Capitão Leitão, junto aos Paços do Concelho, decorreu a sessão solene dos 50 anos de elevação de Almada a cidade.

No final da sessão foi atribuída à Companhia de Teatro de Almada a Medalha de Ouro da cidade, que distingue pessoas ou entidades pela prestação de serviços distintos e altamente meritórios, de forma exemplar e duradoura.

A CTA recebeu esta distinção das mãos da Presidente da CMA.

AGENDA DE AMANHÃ

17:00 | Inauguração de Exposição

Volume 2: Mar Vertical

Salão das Carochas

18:00 | Colóquio

Conversa com Ramon Fontserè

Escola D. António da Costa

19:00 | Inauguração de exposição

Volume 1: Corpos encenados

Teatro Municipal Joaquim Benite

20:00 | Música

Martín Sued e Gabriel Selvage

Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro

Suécia

Teatro Municipal Joaquim Benite

21:30 | Teatro

Calvário

Teatro Municipal Joaquim Benite

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Arroz de pato

Moqueca de pescada

Salada de feijão preto

AMANHÃ

Vaca estufada c/ cerveja e ameixas

Bacalhau espiritual

Salada de manga e arroz de coço

APP FESTIVAL DE ALMADA

